



MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
ESCOLA DE SAÚDE E FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO

Projeto Mario Travassos

Artigo de opinião

## **A evolução da liderança militar ao longo da história**

Arthur da Rocha Machado – 1º Ten Al

Salvador – BA

2024

1 INTRODUÇÃO

A liderança militar tem se revelado de primordial importância na estruturação das sociedades e na definição das civilizações ao longo do tempo. Líderes militares tem travado e solucionado conflitos ao longo de séculos de história humana, desde épicos confrontos na antiguidade, com destaque às falanges greco-romanas, até guerras informacionais e cibernéticas características da contemporaneidade. Contudo, não foram apenas guerras e conflitos os embriões de grandes impérios e reinados: à frente deles sempre houve a figura de um líder – indivíduo dotado de ousadia, bravura, lealdade, disciplina e, principalmente, capacidade de inspirar sua coletividade. Líderes conciliam a rigidez no cumprimento de leis com flexibilidade e adaptabilidade, permitindo a tomada de decisão em momentos difíceis, porém cruciais no destino de uma nação. Com isso, o papel da liderança militar é planejar estratégias de resolução de conflitos de modo a garantir a manutenção da integridade territorial, linguística, étnica e cultural de seu país.

Este artigo busca explorar o papel da liderança militar ao longo da história, incluindo as particularidades de cada líder em dado tempo e espaço, bem como as mudanças observadas com a evolução da sociedade. Neste sentido, ícones e heróis, tanto nacionais quanto internacionais, são analisados, dando destaque à forma como desempenharam seus papéis de dirigentes, às profundas consequências que trouxeram e ao seu legado como figuras inspiradoras e exemplares.

Tal análise permite compreender como as virtudes de líder, respeitadas as peculiaridades de cada período histórico, são mantidas ao longo do tempo, a despeito da evolução da sociedade e das mudanças de paradigmas.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Desde os primórdios da civilização, líderes têm emergido como condutores da formação da sociedade, garantindo a organização do trabalho, a estruturação do sistema produtivo, a defesa e a estabilidade da coletividade. A liderança nesse contexto pode ser entendida como a iniciativa de um indivíduo em empreender esforços para atingir os objetivos propostos no âmbito de um grupo, influenciando, portanto, as pessoas que compõem esse coletivo. Segundo Borges (2009):

Assim, a liderança é uma necessidade em todos os grupos e trata-se de uma relação entre indivíduo e grupo. Essa relação existirá se o grupo visualizar

neste indivíduo-líder um mediador capaz de satisfazer suas necessidades, prover resultados e atingir metas. (BORGES 2009).

Na Idade Antiga, o líder era, em muitas sociedades, a personificação de uma divindade, entendido como um Deus em pessoa ou um representante deste. Assim era no Egito, caracterizado pela figura do faraó, um dirigente político e religioso que atuava como comandante militar, conduzindo campanhas que mobilizavam a força terrestre em prol de um objetivo. Ramsés II (1303 – 1213 a.C.) é um dos exemplos proeminentes: foi um faraó que governou por mais de meio século, combinando habilidades militares, diplomacia, decisões estratégicas e gestão eficiente. Destacou-se na campanha militar contra os hititas, na consagrada batalha de Kadesh, e nos acordos advindos deste conflito. Foi um exímio diplomata e firmou um dos primeiros tratados diplomáticos da história: o acordo de paz com o rei Hitita, Hatusil III (TUCKER, 2010). Esse tratado garantiu um período de estabilidade e prosperidade a ambos os povos. (DORMAN; FAULKNER, 2024). O faraó se empenhou ainda na expansão e defesa do império, dando ênfase às frágeis rotas comerciais nas regiões da Núbia e do Levante, as quais abasteciam o império com recursos vitais. Em suma, Ramsés pode ser entendido como um líder habilidoso, eficaz na gestão pública, perspicaz na diplomacia e estrategicamente competente.

Séculos mais tarde, em uma próspera região da Europa, surgiam as primeiras unidades administrativas que abrigavam a coletividade: as cidades-estado, também denominadas polis. Eram a forma como a sociedade grega se organizava política e economicamente, em muitos casos orientada por princípios militares, com ênfase na formação de soldados para a guerra – a Agogê, um regime de treinamento e educação rigoroso, firmado na disciplina. Nesse âmbito, destaca-se a sociedade espartana, sob a liderança do rei Lêonidas. Lêonidas I viveu entre 540 e 480 a.C. e se tornou uma figura heróica da história grega devido a sua participação na batalha de Termófilas contra o exército persa de Xerxes (FUNARI, 2001). Como todo grande líder, o rei espartano demonstrou bravura, espírito de corpo, avançado conhecimento de táticas de combate e visceral fidelidade à pátria, a qual ofereceu sua própria vida como sacrifício. Além disso, Lêonidas entrou para a história como um líder inspirador e resiliente, já que, com um exército de poucos homens, formou uma das mais poderosas falanges da antiguidade, dificultando a ação do exército persa, que contava com um efetivo 30 vezes maior. Seu legado é até hoje lembrado e representa um exemplo tanto de resistência contra a tirania quanto de luta em prol da liberdade.

Abordar e caracterizar os maiores líderes militares do mundo antigo é impossível sem mencionar Alexandre Magno, também conhecido como Alexandre, o Grande. O título que recebeu de “O Grande” se deve ao seu notável desempenho como comandante militar, fato que se concretizou por não ser derrotado em batalhas, em que pese estivesse eventualmente em menor número (ROISMAN; WORTHINGTON, 2010). Alexandre combinava seu talento como líder com suas habilidades aprendidas desde a infância, as quais incluíam conhecimentos de terreno, táticas militares e até filosofia. Demonstrou-se um exímio estrategista militar na batalha de Grânico, na qual posicionou seu efetivo de cavalaria e infantaria de modo que, apesar de estar em menor número, não sofresse ataques nos flancos. Assim, com a infantaria ao centro e a cavalaria pelos flancos, o rei Macedônio igualou seus números nas fileiras horizontais e derrotou o exército persa cujo efetivo era quase três vezes maior. Além disso, Alexandre se notabilizou por sua hábil capacidade de adaptação, fato demonstrado nas campanhas na Ásia, nas quais desconhecia as táticas inimigas e mesmo assim surpreendeu seus adversários. Quando enfrentou a cavalaria indiana, estava diante de uma novidade: unidades movidas a elefantes, utilizadas pelo exército inimigo como poderosas máquinas de combate. O rei macedônio não se intimidou, cercou a cavalaria e abateu os elefantes com lanças longas e pontiagudas – as sarissas (ROISMAN; WORTHINGTON, 2010). O legado de Alexandre, o Grande é vasto e incontestável, já que inclui a expansão da cultura helenística, a influência sobre as demais civilizações e sobre futuros líderes, tornando-se um icônico personagem, além de ser exemplo de diversas virtudes como visão, ambição, coragem, inteligência estratégica, aprendizado contínuo e influência sobre pessoas.

Já se aproximando do início da era cristã, o mundo acompanha a ascensão de possivelmente o maior líder militar da história, Caio Júlio César, um político e chefe militar nascido em Roma no ano de 100 a.C (TUCKER, 2010). Júlio César se imortalizou por seus feitos como político e como comandante militar, notabilizado pela transição da república romana para o império e pelas conquistas territoriais, incluindo a anexação da Gália, da Britânia e de parte da atual Alemanha, expandindo o poder de domínio e influência do império por toda a Europa. Na campanha militar da Gália, em especial na batalha de Alesia, César enfrentou um exército de efetivo superior, com pouco mais do dobro de homens em relação a sua tropa. Mesmo assim, o imperador romano não hesitou, manteve-se no comando em desvantagem numérica e ordenou que fossem cavadas trincheiras e erguidas paliçadas, a fim de emboscar o inimigo. Sua tática

foi bem-sucedida, o exército romano sitiou a fortificação de Alesia e o adversário foi forçado à rendição. Segundo Tucker (2010):

César tinha apenas 55.000 homens, e deste número cerca de 40.000 eram legionários, sendo o restante cavalaria gaulesa e auxiliares. César ordenou que seus legionários construíssem um muro de contravalação e outro de circunvalação [...], apoiado por duas trincheiras adicionais de 4,5 metros de largura e profundidade. Atrás deles, os romanos construíram muralhas com paliçadas de 3,6 metros de altura e torres a cada 130 metros. Os romanos colocaram estacas afiadas voltadas para fora, na frente e nas valas. (TUCKER, 2010).

Como todo grande líder militar, César se preocupava com o desempenho da missão, o que incluía as condições em que a tropa se encontrava, por isso reuniu grande quantidade de alimento e água, já antecipando uma incursão de longa duração. O imperador cumpriu a missão com excelência e conseguiu afirmar o domínio de seu império na região por quase 500 anos (TUCKER, 2010). Júlio César entrou para a história com diversas virtudes que o fizeram um excepcional líder, dentre as quais pode-se citar: coragem, ambição, comunicação eficaz, persistência e liderança pelo exemplo. Era altamente habilidoso na tomada de decisão em momentos críticos e seu ritmo resolutivo de comando foi demonstrado ao cruzar o rio Rubicão e iniciar uma guerra civil, garantindo a manutenção dos seus direitos e proferindo a famosa frase “a sorte está lançada”.

Apesar de longo, o Império Romano entrou em decadência em meados do século V e a consequência foi a fragmentação da Europa em reinos menores, ocasionando instabilidade política e constantes conflitos. No entanto, tal fragmentação terminaria no século VIII com a ascensão de uma das maiores lideranças do período medieval: Carlos Magno (TUCKER, 2010). Carlos Magno, também conhecido como rei dos francos, foi um imperador da dinastia carolíngia que unificou os povos europeus através da expansão da fé católica – um acordo que selou com a Igreja assim que ascendeu ao poder. O rei dos francos se empenhou em campanhas militares por toda a Europa, as quais resultaram na conquista de territórios, como a Saxônia, a Baviera e a Lombardia. Carlos Magno, assim como as demais lideranças já mencionadas, também demonstrou condutas de um poderoso líder militar, sendo responsável pela unificação europeia (é referido por muitos como o “pai da Europa”), pelas bem-sucedidas campanhas militares e por sua bravura combinada à sagaz tomada de decisão em momentos críticos<sup>1</sup>(TUCKER, 2010). Além de sua presença no contexto militar, Carlos

<sup>1</sup> A exemplo do que ocorreu na anexação do território da Lombardia, na qual enfrentou consideráveis adversidades ao marchar em direção à Itália, nos contrafortes do Alpes.

Magno atuou na administração do império e adotou medidas que visavam ao aprimoramento da governança, introduzindo sistemas de tributação e aperfeiçoando a gestão de recursos. Sendo assim, deixou um legado duradouro, que consistiu no estabelecimento de um império estável e próspero, pondo fim à instabilidade de reinos fragmentados, oriunda da queda do Império Romano.

Avançando em direção à Idade Moderna, é inevitável não mencionar a imortal figura histórica de Napoleão Bonaparte, o maior comandante militar francês da modernidade e um dos líderes mais influentes de todos os tempos. As razões para tamanho destaque a sua figura são diversas e Bonaparte ascendeu ao comando como o mais jovem general francês de seu tempo (IODICE, 2022). Desde tenra idade, o então militar francês já almejava posições de comando, e ao final do século XVIII liderou levantes ocorridos em seu país, imersos em um contexto de drásticas transformações políticas ocasionadas pela Revolução Francesa.

Napoleão se utilizou de seu destaque para ascender meteoricamente como militar e, antes do alvorecer do século XIX, havia sido promovido a capitão, em 1792. Comandou, no ano seguinte, o batalhão de artilharia empregado em Toulon e, devido a seu sucesso à frente das operações, alçou-se ao posto de general de brigada, tornando-se comandante do batalhão de artilharia em missão na Itália (BELL, 2015). As habilidades de Napoleão em combate eram tão excepcionais, que mesmo seus adversários políticos, os girondinos, cederam ao libertá-lo da prisão<sup>2</sup>, reconhecendo a importância que o futuro imperador representava para seu país. Ganhou notoriedade pela sua atuação na Itália e pela sua vitória contra o exército austríaco, fato que lhe rendeu acordos de paz e a cessão dos territórios da Lombardia e dos Países Baixos. Conforme Napoleão obtinha êxito em suas campanhas militares, ganhava importância e destaque na cena política francesa – fato relevante em um período de instabilidade política, em que se demandava a presença de um líder para chefiar o país. Sua atuação no Egito e na Ásia também merece destaque, não pelo sucesso, mas por sua ambição expansionista, incluindo o desejo de ampliar sua influência e reputação a fim de adquirir a confiança da alta cúpula política da França, o diretório. Ainda no Egito, Bonaparte conquistou a cidade de Alexandria e liderou uma equipe de pesquisa que descobriu a Pedra de Roseta, a qual tornou possível elucidar os enigmáticos hieróglifos. Os espólios trazidos dessa missão

<sup>2</sup> Bonaparte fora preso em função de suas participações nas revoluções jacobinas, já que era partidário de líderes como Robespierre. Em 1794, seus adversários políticos tomaram o poder na França e determinaram sua prisão.

enalteceram ainda mais a figura de Napoleão, deixando-o em evidência perante o diretório (BELL, 2015).

Ao final dos anos 1790, a França enfrentava turbulências políticas, com a economia frágil e a eminente ameaça de perda da soberania para forças estrangeiras, os franceses demandavam uma liderança forte que controlasse o país. A imagem positiva de comandante militar ambicioso e sagaz que Bonaparte conquistou contribuiu para que ele fosse “eleito” para tal função e suas missões bem-sucedidas no exterior garantiram a ele o apoio tanto da burguesia quanto da população. Assim, em 1799, Napoleão toma o poder e substitui o diretório pelo consulado, tornando-se o primeiro cônsul e inaugurando uma nova era na política francesa – o consulado. Durante esse período, estabeleceu acordos de paz com nações estrangeiras, reformou o sistema educacional, reestruturou as políticas tributárias e aproximou-se da Igreja Católica (ALVES; OLIVEIRA, 2010).

Assim, é imensurável o legado de Napoleão Bonaparte, seu sucesso como líder resultou dos valores e virtudes que ele, a exemplo de outros grandes líderes, possuía como bravura, fé na missão, visão, ambição, comunicação mobilizadora e habilidades táticas. Seus dons de liderança também o tornaram um eficiente administrador público, já que executou reformas estruturais em seu país e superou a instabilidade pela qual a França passava. Por fim, foi altamente competente como estrategista militar, sendo o responsável pela expansão territorial francesa e pela formação de um dos maiores impérios da história, influenciando até mesmo países ultramarinos, como o Brasil<sup>3</sup>.

Distante do palco acirrado de disputas da Europa, surgiam, no pujante Nordeste brasileiro, lideranças desejosas de emancipação política. O Brasil era colônia lusa, atuava como exportador de commodities, com destaque para o açúcar, e mantinha estreitas relações comerciais com os holandeses. A Holanda, por sua vez, realizava o refino e gerenciava a distribuição do açúcar brasileiro no mercado europeu. Tal parceria terminou com a União Ibérica (1580-1640), na qual a coroa espanhola, inimiga da Holanda, assumiu o controle de Portugal e de suas colônias e expulsou os holandeses do Nordeste brasileiro. (FAUSTO, 2006). Estes invadem o Brasil em 1624, tomam o controle de Salvador, mas são rapidamente contidos pela frota marítima e por milícias

<sup>3</sup> Napoleão decretou, em 1806, o bloqueio continental, que proibia o comércio de qualquer país com seu inimigo, a Inglaterra. O objetivo era enfraquecer os ingleses sem necessitar de uma incursão militar. A coroa portuguesa violou o bloqueio e manteve seus negócios com os ingleses, resultando na invasão de Portugal pelo exército napoleônico e a consequente fuga da família real para o Brasil, em 1807. Tal fato acelerou o processo de emancipação brasileira, resultando na independência do Brasil anos depois.

que se organizaram no interior. Após se renderem em 1625, os holandeses organizam nova invasão ao Nordeste e assumem o controle de Pernambuco em 1630. Dessa vez, a incursão foi bem-sucedida e garantiu a afirmação da soberania flamenga na região por quase 25 anos. Contudo, a partir de 1645, grupos locais brasileiros, liderados por Henrique Dias, Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira e Filipe Camarão, organizaram um levante armado contra os holandeses, desencadeando a consagrada Batalha de Guararapes (1648-1649), a gênese do Exército Brasileiro. Conforme pontua Boris Fausto (2012), não havia, no Brasil, a noção de nacionalidade: antes do confronto, os nativos locais se reconheciam como baianos, pernambucanos, negros ou índios, mas não como brasileiros. A Batalha de Guararapes foi o embrião da nacionalidade, com a fusão de raças que originou a forte semente do Exército Brasileiro, surgia uma identidade pátria. Os holandeses foram expulsos e o controle do Nordeste açucareiro foi reassumido pela coroa portuguesa.

Dentre os líderes do levante, destaca-se João Fernandes Vieira, um rico proprietário de engenhos que articulou o movimento entre senhores de engenho e nativos, formando um grupo de resistência ao exército holandês. Vieira era habilidoso na coordenação dos grupos, garantindo a coesão das diferentes facções que compunham a força, em que pese a existência de divergências internas. Era também um talentoso gestor e, após o sucesso liderando a Insurreição Pernambucana, Vieira se tornou governador de Pernambuco. Cabe ainda mencionar outros personagens históricos que se destacaram como líderes do movimento, como André Vidal de Negreiros, um militar que comandou um dos terços do exército, Henrique Dias, filho de escravos reconhecido por sua bravura e por ter mobilizado grande contingente de escravos libertos para as fileiras da sua tropa e Filipe Camarão, que recrutou e comandou grupos de indígenas em seu exército. Seus atos heroicos, bem como seu papel de protagonismo na história do Brasil, foram reconhecidos em 2012 pela lei 12701 e o nome dos quatro líderes da Insurreição Pernambucana foram inscritos no Livro de Heróis da Pátria.

O legado dos heróis de Guararapes foi essencial para a resolução dos conflitos surgidos nos séculos seguintes, em especial em meados do século XIX, dotado de grande agitação social e intensas turbulências políticas. Era o período das regências, momento no qual não havia, pela linha hereditária, um rei em condições de governar e o poder ficou entregue aos regentes, com diversas revoltas eclodindo pelo país, muitas delas de caráter separatista (FAUSTO, 2012). A ameaça da fragmentação do Brasil era eminente: o país de proporções continentais poderia originar uma série de províncias

menores e isoladas, sujeitas a mandonismos locais. Nesse contexto, ascendeu à frente do comando das tropas militares o maior de todos os nomes da força terrestre brasileira, Luís Alves de Lima e Silva, que posteriormente viria a ser conhecido por “O pacificador” e mais tarde, postumamente, o patrono do Exército Brasileiro. O militar monarquista de origem fluminense sempre demonstrou lealdade ao império, serviu diretamente à família real como instrutor do jovem e futuro imperador, Dom Pedro II, e foi designado para comandar a Guarda Nacional. Foi bem-sucedido nas três revoltas regenciais em que foi designado para combater - a Cabanagem, a Balaiada e a Farroupilha – e combinou estratégias militares com negociação diplomática a fim de encontrar resoluções eficazes para os conflitos. Foi concedido a ele o título de “O Pacificador” pelo governo imperial brasileiro, como reconhecimento pelos seus feitos enquanto comandante na contenção das revoltas regenciais. Caxias também atuou nos conflitos na região do Prata, situados na Cisplatina (atual Uruguai) e foi nomeado comandante das forças brasileiras em território estrangeiro com o propósito de destituir o partido Blanco do poder. Cumpriu novamente a missão com sucesso, garantindo a queda de Rosas do governo e a estabilização da região.

Por fim, comandou o Exército Brasileiro na maior guerra da história da América do Sul: a Guerra do Paraguai, ocorrida entre a Tríplice aliança e o Paraguai. Sua nomeação como comandante se deu após dificuldades enfrentadas pelos exércitos aliados, já que o inimigo estava com grande efetivo fortemente armado e o terreno era de difícil progressão (uma área pantanosa conhecida como Chaco). Caxias nomeou novos comandantes, treinou os combatentes, equipou a tropa com novos armamentos e garantiu melhorias de higiene e de cuidados médicos, dado que moléstias como Malária, Varíola e Cólera acometeram diversos militares (DORATIOTO, 2022).

Caxias tinha que reorganizar o Exército brasileiro e pôr fim às disputas políticas entre seus chefes, de modo a criar condições para vencer o conflito. Para isso, tornou mais eficientes as tropas brasileiras na guerra, fortaleceu a posição do exército e ampliou sua autonomia em relação ao governo imperial, de modo a ter agilidade de ação (DORATIOTO, 2022).

Caxias agiu como líder não apenas dando ordens à tropa, mas seguiu ao lado dela, atuando como motivador, em especial ao assumir o comando em outubro de 1866, momento no qual o exército estava desorganizado, com menor efetivo e de moral baixa, em função da derrota de Curupaiti (DORATIOTO, 2022). Apesar de seu alto posto hierárquico e de seu sucesso como comandante militar em outros conflitos, Caxias reconheceu a dificuldade de penetrar no território paraguaio, bem como as limitações da

tropa, em especial quanto ao efetivo. Soube a hora de evitar o combate direto e entendeu que, por mais que estivesse à frente de bravos soldados, era inviável uma operação naquele momento. Assim, aguardou a chegada do 3º Corpo de Exército, um reforço organizado por Osório, vindo do Rio Grande do Sul (DORATIOTO, 2022). Com a chegada de reforços, Caxias pôs em prática seu plano estratégico: conduzir a tropa flanqueando a Fortaleza de Humaitá, de modo a isolá-la, ao invés de confrontar diretamente. Para isso, analisou as possibilidades de resposta advindas de Solano López, comandante das forças paraguaias, e previu quatro possíveis cenários, antecipando a ação do adversário, tal qual faz um enxadrista durante um jogo. Humaitá capitulou em 1868, as forças aliadas foram vitoriosas e puderam avançar rio acima, em direção à Assunção, sendo o episódio da tomada de Humaitá um momento decisivo no conflito.

Luís Alves de Lima e Silva deixou um grandioso legado como comandante militar e exerceu papel exemplar de liderança, cujas virtudes podem servir de lição a todos que desejam se desenvolver como líderes. Além de grande estrategista militar, especialista em táticas de combate, Caxias demonstrou qualidades similares aos demais comandantes mencionados anteriormente, como bravura, espírito de corpo, comunicação eficaz, fé na missão, visão e patriotismo. Foi bastante paciente e não antecipou as operações, em que pese as críticas que recebia à época vindas da imprensa e do governo imperial, que exigiam maior agilidade de ação, Caxias aguardou os momentos oportunos para agir (DORATIOTO, 2022). Como reconhecimento dos seus atos heroicos e do seu brilhantismo como comandante e pacificador, foi promovido a duque pelo governo imperial, sendo o único brasileiro da história a receber esse título de nobreza. Além disso, foi agraciado postumamente, em 1962, com a mais alta honraria militar: o título de patrono do Exército Brasileiro, em função de sua liderança diante das tropas aliadas e do seu papel ao impedir a segregação territorial do país no período das regências.

Com o advento da contemporaneidade e das inovações tecnológicas, a natureza dos conflitos mudou: o mundo passa a ser palco de disputas fortemente ideológicas, marcadas por guerras de narrativas e polarizações políticas. O emprego da força se torna decisivo, pois são desenvolvidos armamentos ainda mais destrutivos, com plena capacidade de dizimar nações. Nesse contexto, o líder deve agir não como um imperador, com ambições expansionistas, mas sim como um negociador, buscando saídas para os conflitos pelo viés diplomático e respeitando a soberania de todos os povos. Os líderes do século XX precisaram firmar um compromisso com a paz e a

justiça, o qual permitiu guiar suas decisões mesmo em momentos críticos, como a grande tensão gerada na Crise dos mísseis de Cuba, em 1962. Ainda assim, virtudes como fé na missão, visão estratégica, bravura, conhecimentos táticos e comunicação eficaz, presentes nas demais lideranças históricas, fizeram parte dos grandes comandantes militares do século XX, a exemplo do general de exército estadunidense, Dwight Eisenhower. Eisenhower foi o grande responsável pela entrada bem-sucedida das forças aliadas na Normandia, o famoso desembarque anfíbio do “dia D”, que marcou uma virada na guerra, colocando as nações democráticas em vantagem em relação às ditaduras totalitárias (SMITH, 2014). O episódio do dia D, também conhecido como operação Overlord, obteve grande êxito devido ao planejamento estratégico, ao espírito de corpo e à liderança inspiradora desempenhados pelos comandantes. Eisenhower fez visita às tropas antes da operação, enfatizando a importância da missão e encorajando os soldados, mesmo sabendo do elevado risco daquela operação militar. O brilhantismo do general nessa operação certamente foi consequência das virtudes de líder militar já mencionadas, e o fato histórico fortaleceu sua imagem, tornando-o presidente dos Estados Unidos posteriormente.

### 3. CONCLUSÃO

A evolução da liderança militar ao longo da história é consequência das transformações na sociedade, incluindo inovações tecnológicas e mudanças de práticas e paradigmas culturais. Desde períodos remotos da humanidade, com líderes locais que se colocavam como Deus em pessoa, até lideranças da atualidade, que lidam com estratégias complexas em um mundo conectado, as lideranças militares sempre foram triviais para o desenvolvimento das sociedades e para a manutenção da soberania e da defesa, moldando-se às demandas de cada época. O surgimento de novos artefatos bélicos, como armas de destruição em massa, drones militares, satélites e aparatos de comunicação avançados modificaram os planos estratégicos e a resolução dos conflitos, entrando em cena a postura de líder diplomático. Negociar a paz é a prioridade e também o desafio dos séculos XX e XXI, tornando inviável uma liderança aos moldes dos grandes imperadores da antiguidade, ainda que suas virtudes possam ser resgatadas e servir de inspiração para as lideranças da atualidade. Virtudes essas que, por outro lado, permanecem constante e consistentemente ao longo do tempo, acompanhando os grandes comandantes militares em seus feitos imortalizados na história.

Atualmente, a liderança militar vai além dos conhecimentos táticos de combate, pois envolve a capacidade de coordenar e gerenciar equipes, respeitando suas particularidades; envolve o uso eficaz das tecnologias da informação e comunicação e requer do líder a capacidade de motivar, inspirar e manter a moral elevada, quer seja da sua equipe em um projeto multidisciplinar, quer seja de uma tropa perante um teatro de operações.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALVES, A; OLIVEIRA L. F. **Conexões com a História**. Volume 2. 2ª edição. São Paulo. Editora Moderna. 2010.

BELL, D. A. **Napoleon: a concise biography**. Oxford University Press, 2015.

BORGES, V. E. **A Evolução do papel do líder nas organizações: um enfoque histórico**. Sumaré. Revista Acadêmica Eletrônica. 2009. Disponível em: [https://sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/02/raesed02\\_artigo04.pdf](https://sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/02/raesed02_artigo04.pdf). Acesso em: 22/07/2024

DORATIOTO. F. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. 3ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2022.

DORMAN, P. F; FAULKNER R. O. **Ramses II: king of Egypt**. Encyclopedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ramses-II-king-of-Egypt> > acesso em: 22/07/2024.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. Editora USP, 12ª edição, São Paulo, Brasil, 2006.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. Editora USP, 14ª edição, São Paulo, Brasil, 2012.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.

IODICE, E. F. **Lessons from history: The astonishing rise to leadership and power of Napoleon Bonaparte**. The Journal of Values-Based Leadership, 2022.

ROISMAN, J; WORTHINGTON, I. **A companion to Ancient Macedonia**. Blackwell publishing. 2010.

SMITH, W. B. **Eisenhower's Six Great Decisions: Europe, 1944–1945**. Pickle Partners Publishing, 2014.

TUCKER, S. **Battles that changed history: An encyclopedia of world conflict**. Bloomsbury publishing USA, 2010. Disponível em: [https://prussia.online/Data/Book/ba/battles-that-changed-history-an-encyclopedia-of-world-conflict/Tucker%20S.%20Battles%20that%20Changed%20History%20\(2011\),%20OCR.pdf](https://prussia.online/Data/Book/ba/battles-that-changed-history-an-encyclopedia-of-world-conflict/Tucker%20S.%20Battles%20that%20Changed%20History%20(2011),%20OCR.pdf). Acesso em: 22/07/2024.